

## PIBID: OPORTUNIDADE DE APRENDER, ENSINAR E INOVAR

Aline Seabra  
alineseabra\_2009@hotmail.com

Priscilla Fabiane de Brito  
priscillabrito\_prisbrito@hotmail.com

**RESUMO:** Quando o assunto é o ensino de Geografia surgem inúmeros pontos merecedores de discussão. Um dos principais centra-se na dificuldade em se ensinar e aprender determinados conteúdos considerados difíceis, como exemplo podem ser citados aqueles relacionados com Cartografia e Geografia Física. A realização do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPEs se deu em um contexto onde o mundo globalizado passa a exigir muito mais dos processos educativos vigentes no país. No caso do subprojeto do qual fazemos parte, está sendo desenvolvido numa escola pública inserida na região central de Anápolis, o Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista, cuja demanda de alunos não vem somente desse local, mas também de regiões da cidade consideradas periféricas. O público alvo são os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio e alunos em progressão de Geografia. Nesse contexto o PIBID se insere, concedendo aos bolsistas a oportunidade de não apenas se capacitarem, mas também contribuir em inovadoramente para o ensino de conteúdos de Geografia. O programa oferece aos estudantes beneficiados das escolas parceiras a chance de aprender tais conteúdos de maneira mais integrada. Sendo orgulhosamente bolsistas do projeto, sentimos o dever de realizar um relato expondo as principais experiências adquiridas durante seu desenvolvimento. O contato antecipado com a sala de aula, antes mesmo do início das atividades do estágio, o trabalho coletivo, a sensação de poder contribuir de forma positiva agindo sobre as dificuldades que os estudantes possuem, a construção de uma forma inovadora de conhecimento relacionado às mídias exigidas pelo mundo globalizado; podendo utilizá-las junto aos alunos que se encontram também inseridos nesse contexto, mas nem sempre efetivamente incluídos, são alguns dos pontos que devem ser destacados no sentido de que fizeram a diferença para a nossa formação até aqui.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Formação. Docência.

### **Introdução**

Inúmeras pesquisas comprovam que dentre os conteúdos historicamente considerados, por professores e alunos, como os mais difíceis de ensinar e/ou aprender em Geografia estão os relacionados à Cartografia e à Geografia Física, geralmente ensinados no 6º ano do Ensino Fundamental e no 1º ano do Ensino Médio. Tendo como referência estas

pesquisas elencamos estas temáticas como foco de trabalho. Também se somaram a estas a demanda apresentada pela escola por materiais didáticos acerca da Geografia de Goiás.

O colégio onde está sendo desenvolvido o projeto é o Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista, um estabelecimento público localizado no Bairro Maracanã, próximo ao centro da cidade de Anápolis. Acolhe tantos alunos das imediações da própria escola quanto alunos que percorrem até, aproximadamente, 17 Km do bairro onde residem até a referida escola.

Para atender as demandas já citadas, os membros do projeto reúnem-se semanalmente na escola e também na instituição formadora. Em tais encontros têm sido realizados estudos reflexivos, planejamento de aulas e de outras atividades, bem como a produção de materiais didático-pedagógicos. Estas atividades estão orientadas por dados coletados na escola. Esses dados permitiram compor o perfil dos alunos, conhecer os recursos didáticos e tecnológicos existentes na escola, bem como sua estrutura física. Permitiram também o acompanhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem, a realização de aulas e a produção de mapas e de maquetes. As ações planejadas estão sendo implementadas nos turnos vespertino e noturno. Até o momento foram atendidos 118 alunos do 3º ano do Ensino Médio, 116 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e 30 alunos em Progressão. Ao final do projeto as atividades previstas deverão atingir 300 alunos.

### **Procedimentos de ensino**

Os objetivos do projeto são seguidos sistematicamente. As discussões dos textos, os planejamentos da prática docente, os debates referentes aos resultados da aplicação de tais planejamentos são distribuídos de acordo com a disponibilidade dos encontros que acontecem duas vezes por semana, quatro horas por dia, excluindo-se os horários destinados ao comparecimento na escola parceira a fim de aplicar as atividades planejadas.

Antecedendo ao início das aulas onde seriam colocados em prática nossos planejamentos, fizemos minuciosa observação e coleta de dados nas salas que seriam beneficiadas. Com base na observação e no tratamento dos dados obtidos via aplicação de questionário foi possível identificar elementos do perfil dos alunos, como por exemplo, sexo, idade, trabalho, renda familiar, local de moradia, nível de contato dos alunos com as mídias

digitais atuais, mais exatamente, com a internet, qual o tipo de utilização feita por eles dessas mídias, qual os conhecimentos tinham acerca do espaço do bairro onde está localizada a própria escola, entre outros. É importante lembrar que tal prática só teve início mediante a leitura dos textos indicados pelo coordenador e supervisor, referentes à didática e práticas de ensino, tanto geral quanto específicas de Geografia, que nortearam todas as atividades do presente projeto.

Segundo Garrido (2005) *apud* Callai (2012, pág. 73) há duas condições sem as quais não se efetivará aprendizagem: 1ª) “não há aprendizagem sem uma meta sobre o ensino” e 2ª) “não há aprendizagem sem significado”

A primeira condição mostra que o nosso ensino deve ter um objetivo maior para que ocorra aprendizagem e a segunda é um dos grandes obstáculos a ser superado por meio do envolvimento dos alunos e com base na significação dos conteúdos que não devem ser descontextualizados e sem articulação com o cotidiano.

De acordo com a abordagem teórica na qual nos baseamos, a finalidade do ensino é instrumentalizar o aluno. Assim, conforme Libâneo (2012), Cavalcanti (2012) e Callai (2012), a comprovação da aprendizagem efetiva de um conteúdo geográfico é a capacidade do aluno manuseá-lo como instrumento útil para a vida cotidiana.

Mas essa proposição ainda está ausente da sala de aula e os alunos percebem a Geografia (que nasceu cheia de serventia) como algo inútil. Callai (2012) afirma que isso ocorre porque as informações só ganham significado para o aluno quando ele as reorganiza dentro do seu contexto. Assim elas deixam de ser informações e tornam-se conhecimento.

Ainda, segundo Callai (2012) isso ocorre em razão do maior destaque nos conteúdos conceituais (saber) em prejuízo dos conteúdos procedimentais (saber fazer) que encaminham os alunos a pôr em prática os conhecimentos. Assim, conclui, a incorporação do saber aos conteúdos procedimentais é mais eficaz.

Características tradicionais presentes na escola como o discurso da competência, que considera que a aprendizagem ocorre apenas dentro dos muros da escola e despreza o contexto e a Geografia do aluno, são as bases dos empecilhos para a significação do conteúdo de forma que o aluno recorre à memorização de informações fragmentadas e estuda burocraticamente. Kaercher (1999, p. 181) explica esse chamado discurso da competência da

seguinte forma:

[...] O saber não está em qualquer lugar ou com qualquer pessoa. Está restrito a livros ou já iniciados no ramo. O povo parece não ensinar nada para a maioria dos estudantes.

Parece ter uma importante consequência política: “se o povo nada sabe e eu nada sei” Conclusão: “me calo. Só ouço”. Seria a escola servindo para o silenciamento das pessoas?

A utilização de meios multimídicos como animações, simulações na sala de aula, por exemplo, poderiam promover uma maior interação do aluno com o conteúdo. É preciso, entretanto, ter o cuidado de relacionar o conhecimento com os aspectos que são característicos do mundo do aluno, visto que a simples presença do computador na sala de aula não resolverá os males da educação.

Com base nesses referenciais foram trabalhados no decorrer do desenvolvimento do projeto até aqui, temas considerados difíceis de aprender e de ensinar, sendo eles os relacionados à Geografia física e à Cartografia, visando suprir um pouco das carências relativas a tais conteúdos por parte dos alunos e também familiarizar os futuros docentes com conteúdos e práticas que deverão vivenciar cotidianamente num futuro próximo. Utilizando-se de algumas mídias exigidas pela globalização vigente no mundo atual que, segundo Milton Santos (2008), é perversa e não atinge a todos, visto que ao passo que une as pessoas também as exclui; foi que desenvolvemos o trabalho, buscando atender as demandas da escola equilibrando-as com os objetivos do projeto que visava abordar temáticas de Geografia, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio.

#### *Ensino Médio*

A demanda da escola por material didático sobre Anápolis – GO e a vinculação das atividades ao currículo e ao calendário escolar fizeram com que começássemos nosso trabalho com turmas de 3º ano do Ensino Médio. As atividades realizadas nessa etapa foram:

- a) Levantamento bibliográfico para construção de um referencial teórico-metodológico que nos subsidiou;
- b) Coleta de dados para compor o diagnóstico escolar;
- c) Organização e planejamento das estratégias com base no diagnóstico e na demanda da escola por conteúdos sobre o estado de Goiás e o município de Anápolis.

**Universidade Estadual de Goiás**  
**Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação**  
**Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)**  
**6 e 7 de junho de 2013**

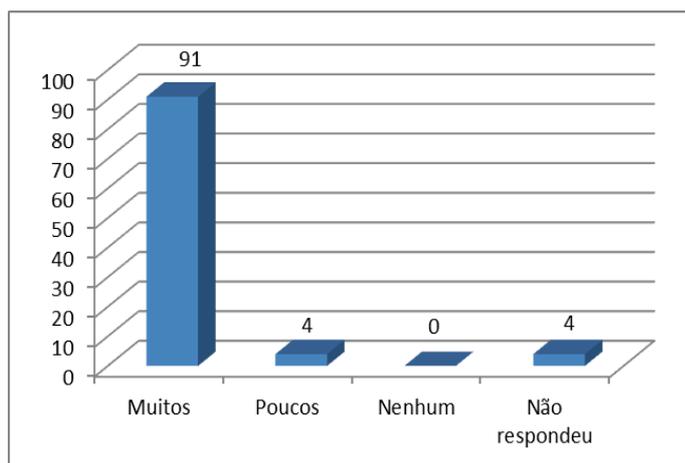
Para o desenvolvimento dessa etapa foi fundamental a caracterização realizada com base no questionário aplicado a 118 alunos, conforme explicitado anteriormente. Além dos aspectos já citados, verificamos também a relação que esses alunos têm com a escola e em especial com a Geografia escolar. Conforme explicitado pelos alunos, a Geografia não está entre as disciplinas preferidas por eles e também não a consideram de difícil aprendizagem. Todavia, o conhecimento sobre o estado e o município demonstrou ser bastante superficial.

Considerando os elementos elencados, os dados do perfil e a demanda da escola, foram produzidos textos didáticos sobre o município de Anápolis, planejadas e executadas três aulas abordando as seguintes temáticas:

- ✓ Localização, aspectos físicos e organização espacial;
- ✓ Aparências e realidades: crescimento e problemas urbanos;
- ✓ Potencial econômico regional e estruturação do espaço interurbano

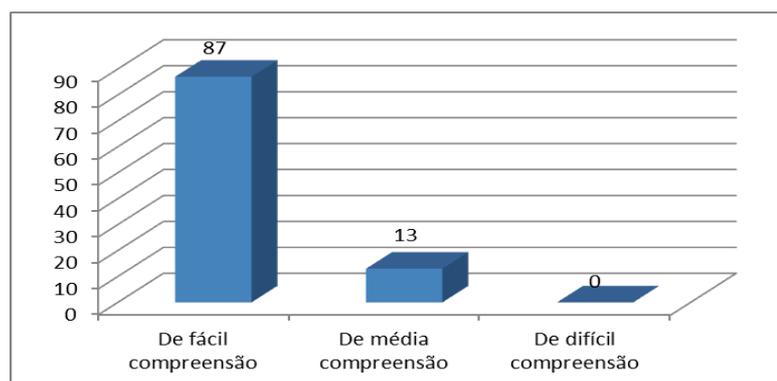
Após a realização das aulas foi solicitado aos alunos que avaliassem o trabalho. Alguns dados dessa avaliação, com base em dados percentuais, estão contidos nos Gráficos 1 a 4 a seguir:

Gráfico 1 - Percentual de conteúdos inéditos sobre Anápolis e Goiás



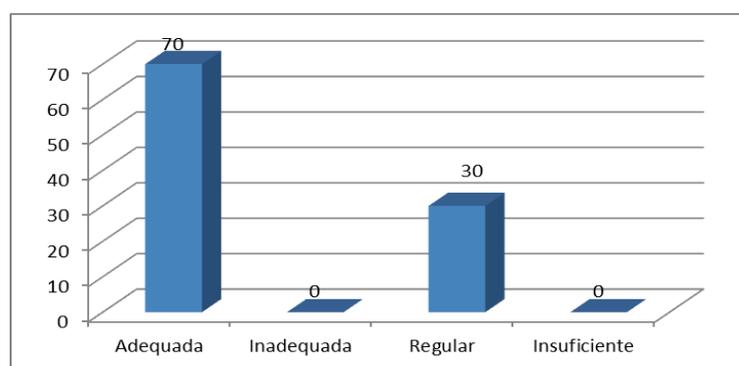
Fonte: Levantamento de campo (2012) Elaboração: Org. pelas autoras (2013)

Gráfico 2- Caracterização das metodologias utilizadas



Fonte: Levantamento de campo (2012) Elaboração: Org. pelas autoras (2013)

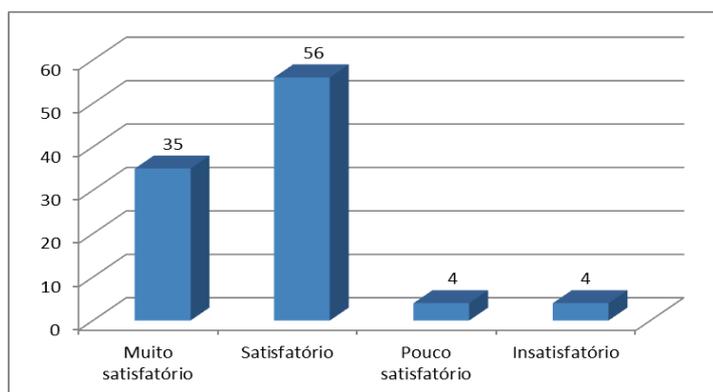
Gráfico 3- Utilização dos recursos metodológicos



Fonte: Levantamento de campo (2012) Elaboração: Org. pelas autoras (2013)

Gráfico 4- Nível de satisfação em relação ao projeto

**Universidade Estadual de Goiás**  
**Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação**  
**Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)**  
**6 e 7 de junho de 2013**



Fonte: Levantamento de campo (2012) Elaboração: Org. pelas autoras (2013)

### *Ensino fundamental*

Nas turmas de 6º ano foram trabalhados temas de Cartografia e Geografia Física com base no espaço conhecido dos alunos, mediados pelos meios multimídicos ou não. Estabelecemos dessa forma uma escala geográfica e um recorte espacial próximo a eles.

- ✓ Escola
- ✓ Bairro da escola
- ✓ Área central de Anápolis

Com esses recortes enfocamos os conteúdos procedimentais:

- ✓ Construção de croquis da escola, do bairro e vizinhança;
- ✓ Complementação de dados em mapa do bairro no qual se localiza a escola (colocação de título, legenda e fonte, entre outros);
- ✓ Montagem de maquete do relevo (feita em EVA e utilizando as cores hipsométricas) da área central de Anápolis.

Diante de tais recortes, tornou-se possível a aproximação dos estudantes com práticas até então desconhecidas pela maioria deles. Um exemplo foi o percurso (guiado pelos bolsistas) feito pelos estudantes dentro da escola mostrando as diferenças de níveis do relevo que estão presentes por toda a parte, inclusive no espaço da própria escola. Esse elemento físico, o relevo, passava despercebido justamente por causa das construções feitas pelo homem no intuito de adaptar-se ao meio.

Um fato merecedor de destaque foi a disponibilidade de duas alunas que confeccionaram uma maquete referente ao relevo sem que fosse pedido por nenhum dos

bolsistas e nenhum professor, nos mostrando uma atitude considerada extremamente gratificante o que nos faz pensar positivamente a respeito da inovação e dos resultados que poderão ser oferecidos pelo projeto.

Para estas turmas ainda estavam previstas outras atividades como: trabalhos de campo, atividades interdisciplinares, execução de oficinas e minicursos (nos quais deveriam ser inseridos o uso de recursos digitais, tais como: vídeos, animações e simulações). Todavia, nosso trabalho com eles foi impedido em função de uma obra no colégio que nos privou do acesso à sala de informática que seria fundamental para prosseguirmos, além da quantidade insuficiente de recursos digitais existentes na escola, visto que eram desses mesmos recursos que outros professores, de outras disciplinas dependiam também. Diante desse contexto, fomos redirecionados para a progressão.

Resultados positivos foram observados, tanto para os alunos quanto para os bolsistas, principalmente quando se analisa através da visão que tivemos ao começar os trabalhos nessa fase do ensino fundamental, as dificuldades, as aversões acerca da Geografia pelos alunos eram claras. Alguns se mostravam irredutíveis com relação, principalmente, ao comportamento, talvez por se tratar de algo novo, passando as aulas a serem ministradas não mais por um professor apenas, mas por vários e que ainda chegaram com outra proposta de ensino.

#### *Progressão*

Trata-se de um período onde o aluno que fora reprovado em determinada disciplina tem para que consiga recuperar a nota que lhe indicou para que repetisse tal matéria, ou seja, um período para que o aluno reveja em pouco tempo o conteúdo de um ano letivo e faça uma prova que lhe concederá, ou não, uma nota para que elimine a matéria em questão e siga normalmente suas atividades sem que tenha que fazer novamente a mesma série.

Esta etapa foi considerada por nós a mais difícil, devido a densidade de conteúdos considerados complexos e o pouco tempo destinado ao trabalho. No ensino dos conteúdos de Cartografia e Geografia Física do 1º ano do Ensino Médio a escolha da escala de análise é ponto escorregadio. Por mais que os professores entendam sua ciência como integradora do homem e do meio normalmente apenas a escala de análise astronômica é utilizada para

estudar, por exemplo, os movimentos da Terra. Essa forma desassocia o conteúdo do cotidiano do aluno exigindo dele muita abstração e ainda, geralmente, enfatiza os aspectos naturais e não revela a ação do homem interagindo com eles.

O pouco espaço de tempo que foi destinado à concretização dessa etapa foi o que configurou no maior obstáculo, pois além de ser considerado um conteúdo “difícil”, inclusive sendo o motivo de reprovação de alguns alunos que ali se encontravam; a quantidade de conteúdo era impossível de ser ministrado somente nas três aulas destinadas a isso.

### **Considerações finais**

O Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência (PIBID), como já se tem conhecimento, é acima de tudo, uma oportunidade grandiosa principalmente no que se refere à aprendizagem de uma forma geral, tanto para os bolsistas que têm o contato inicial com a sala de aula, visto que tal prática geralmente se restringe à fase do estágio acadêmico, porém sem a inovação que o projeto oferece ao universitário, quanto para os estudantes beneficiados da escola parceira, vindo, nesse contexto para que fossem supridas algumas necessidades da escola e ao mesmo tempo dos bolsistas.

A pesar das possibilidades abertas pelo PIBID há ainda uma série de questões a serem repensadas. Nosso conhecimento acerca das posições teórico-metodológicas e das implicações delas em sala de aula ainda é limitado. Também há um distanciamento entre a opção teórica metodológica discursada pelo professor da educação básica e sua prática ao desenvolver os conteúdos geográficos.

Falta reflexão sobre a implicação de se auto intitular marxista, dialético ou humanista. Falta coerência da prática com o discurso, para que essas proposições se concretizem.

É possível ainda perceber certo distanciamento também entre aluno/professor na escola Embora haja toda uma teoria no que diz respeito a um professor que tenha suas ações interacionistas baseadas em práticas modernas, que leve em consideração a historicidade do aluno, que o leve a se sentir sujeito de sua própria história, o que se pode ver é sim uma prática tradicionalista, onde somente o professor é detentor do saber e do poder, merecedora de ser derrubada para que a educação consiga ser algo prazeroso tanto para a parte docente quanto para discente.

No mais, o que se pôde ser desenvolvido dos objetivos almeçados até aqui se mostrou bastante proveitoso a não ser o período onde se trabalhou com alunos em progressão, uma vez que, tornou-se um tanto quanto complicado aplicar um conteúdo denso e considerado complicado em tão pouco tempo.

### **Agradecimentos**

Agradecemos ao fomento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES, pela bolsa.

### **Referências:**

CALLAI, H. C. Educação geográfica: ensinar e aprender Geografia. In: CASTELLAR, Sonia M. V. (Org.) *Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos*. São Paulo: Xamã, 2012, p. 73-87.

CAVALCANTI, L. de S. *O ensino de Geografia na escola*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

KAERCHER, N. A. Desafios e utopias no ensino de Geografia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et all. (Orgs.) *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS, 1999. p. 171-183.

LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n.1, São Paulo, jan.-mar. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022012000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022012000100002&script=sci_arttext). Acesso em: 1 ago. 2012.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15 ed., Rio de Janeiro: Record, 2008.